

Liberdade, Igualdade, Sofrimento e Dor: Diálogos entre Sade e o Sadismo Contemporâneo¹

Rogério Brittes
mestrando do PPGAS-MN / UFRJ
bolsista FAPERJ

Resumo:

O Marquês de Sade aparece na história da literatura e do Iluminismo como uma figura especialmente ambivalente: é o libertino patrono da liberdade, inspirador de vanguardas, inimigo da moral repressora do antigo regime; mas simultaneamente é o elaborador de uma obra que retira da desigualdade e das piores monstruosidades e torturas imagináveis seu gozo maior. O ponto chave está em sua idéia de liberdade, que envolve o domínio de todos sob os desejos de um libertino déspota.

Como os adeptos atuais do BDSM (Bondage, Dominação e SadoMasoquismo) lidam com esta figura tão importante, vista por muitos como umas das principais fundadoras das práticas das quais se valem hoje em dia? Como a ética do SSC (São, Seguro e Consensual) desenvolvida nas redes de socialidade que hoje se autodenominam sadomasoquistas podem ser comparadas com o sistema filosófico sadeano? Essas questões guiam a reflexão do trabalho a ser apresentado, baseado em pesquisas de campo *online* e *offline* acerca do tema.

Palavras-Chave: Sade, BDSM, sadomasoquismo, liberdade, igualdade, consensualidade

"Eh! que m'important les malheureux, quand rien ne me manque? Leurs privations aiguillonnent mes jouissances: je serais moins heureux, si je ne savais pas qu'on souffre à côté de moi, et c'est de cette avantageuse comparaison que naît la moitié des plaisirs de la vie."
Sade – "Histoire de Juliette"

"Como posso julgar inferior aquela que, concedendo-me sua submissão, gera o meu poder?"
Mestre Jot@SM

Donatien Alphonse-François de Sade (1740-1814), mais conhecido como Marquês de Sade, além de ser um dos mais polêmicos escritores da literatura mundial, foi uma figura importante do período iluminista e da época da Revolução Francesa. Sobre sua vida e sua obra, milhares e milhares de páginas já foram escritas, seja para celebrá-las ou para criticá-las. Sade já foi considerado pornógrafo vulgar, grande romancista, precursor do niilismo, despotista disfarçado, filósofo celerado, o espírito livre que já existiu, divino marquês, nobre transgressor etc. Mas das leituras e usos de sua obra, provavelmente a que veio a causar mais efeito foi a de Richard von Krafft-Ebing, que, na obra *Psychopathia Sexualis* (1895 [1886]) cunhou o termo *sadismo*, entendido ali como uma perversão ou parafilia, i.e., um exagero patológico de certas atitudes normais da *vita sexualis* que unem crueldade e voluptuosidade. Dentre todos os possíveis *sades*, o doente, o pervertido é provavelmente o mais famoso.

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

Entretanto, como é costume ocorrer com os objetos da medicina e de todas as ciências, a categoria *sadismo* saltou das páginas de Krafft-Ebing e ganhou autonomia. Desprendido das explicações psico-médicas, o sadismo passou a ser entendido de forma geral como o gosto pelo sofrimento físico ou psicológico dos outros. Por sadismo sexual entende-se uma junção entre este gosto e o prazer, desejo ou excitação eróticos. Neste último caso tal união não é necessariamente vista como doentia ou perversa: é tida antes como uma preferência sexual. As pessoas que se auto-declaram sádicas, no sentido sexual (o único sobre o qual ensaiarei aqui), hoje vêem seu gosto pela conjugação entre sofrimento e prazer como legítimas e sãs. Sem vergonha de assumirem suas preferências sexuais, muitos mantêm relações entre si, pessoalmente ou na internet, de forma que podemos perceber no mundo atual uma rede de praticantes e entusiastas de práticas eróticas como o sadismo, o masoquismo, o fetichismo e outros. Esta rede é auto-nomeada de BDSM, uma sigla do inglês que significa *Bondage*, *Domination* e *SadoMasochism* (ou seja: Amarração, Dominação e SadoMasoquismo).

Fiz trabalho de campo nesta rede intermitentemente entre 2004 e 2006 e pude notar que ela não se limita às quatro maiúsculas que formam o acrônimo: BDSM é um termo guarda-chuva que envolve praticantes e práticas sexuais não-ortodoxas diversas, mas também uma etiqueta, uma ética, um conjunto de locais (*on line* e *off line*), um jargão... Enfim, um coletivo complexo, que gira sobretudo em torno da amarração ou constrição com fins eróticos; da dominação física ou psicológica erotizada; do sadomasoquismo; e de certos fetichismos, como o por pés, o por couro e o por borracha². Cabe sublinhar que nem todo mundo que faça uso destes elementos em sua vida sexual será considerado como pertencente ao BDSM. A participação no coletivo envolve uma auto-percepção de ligação com a rede que o constitui, preferencialmente com seus nós que se delineiam em certos clubes, festas, *sex-shops* e casas noturnas, além de listas de discussão, *chats*, *sites* e lojas na internet.

Pois bem, se Krafft-Ebing pôs em paralelo casos clínicos e a obra de Sade para cunhar o termo sadismo e explicá-lo³, minha preocupação aqui será a de tentar colocar lado a lado o sadismo presente na obra do “divino marquês” – aquele narrado em romances como *120 Dias de Sodoma* e *A Filosofia na Alcova* – e o sadismo praticado e colocado em discurso pelos afiliados à rede BDSM, conforme se apresentaram para mim enquanto casos etnográficos.

² Fetichismo significa excitação e desejo sexual ligados a certos objetos ou materiais a princípio não-sexuais, como os supracitados ou salto-altos, espartilhos, exsudações corpóreas etc. Cabe notar que este termo surge originalmente para designar objetos mágico-religiosos africanos, para depois ser transformado pela clínica psico-sexológica, dando origem ao conceito de *fetiche sexual*, que finalmente é apropriado pelos praticantes destes mesmos fetiches, tornando-se um termo “nativo” corrente no BDSM.

³ Da mesma forma, foi colocando em paralelo casos clínicos de pessoas que gostavam de unir sofrimento e voluptuosidade de forma passiva e submissa com a obra de Leopold von Sacher-Masoch que Krafft-Ebing cunhou o termo masoquismo, tido em sua obra como o inverso complementar do sadismo.

Parece-me que a primeira questão que surge aqui como relevante é a da relação entre dor e prazer. Pois, no Ocidente, esses dois termos foram e são considerados dois princípios fundamentais e simetricamente opostos que podem servir como guias para a vida humana: o homem busca o prazer e foge da dor, esse seria o sentido de sua existência. A dor é o mal; o prazer é o bem. Marshall Sahlins vê este tema fundamental no pensamento como calcado na estrutura mítica do episódio bíblico da Queda de Adão. Através de transformações diversas, sobretudo a partir do século XVIII o par prazer/dor passa a figurar como peça importante na ciência e na filosofia ocidentais.

Em certo período da história ocidental, tudo o que dizia respeito à sociedade e ao comportamento humano passou a ser percebido, tanto popular quanto filosoficamente, por meio do tropo dominante dos prazeres e dores individuais. Novamente como no *Leviathan*, tudo se reduziu à simples e triste idéia da vida como um movimento em direção às coisas que nos fazem sentir bem e para longe das coisas que nos causam mal. (Sahlins 2003 [1995]: 165)

Podemos dizer que um dos marcos do período ao qual Sahlins se refere é a Revolução Francesa, tida como importante evento na modernização do Ocidente. Sade viveu este evento, sendo personagem relativamente importante nele. Em sua obra, entretanto, dor e prazer possuem estatutos diferentes deste dualismo simplista colocado por Sahlins. A começar pelo fato de que a dor pode ser aqui fonte de prazer, especialmente quando se trata de provocar dor em outrem: o prazer de Sade é acima de tudo um prazer egoísta, derivado da comparação e da percepção de superioridade por parte do libertino, personagem principal dos romances sadeanos. Pois o prazer não pode existir em um mundo planificado: se gostamos de tudo não gostamos de nada, não há interesses; são necessárias preferências e desejos específicos para gozar, é preciso comparar. E a comparação suprema se dará na percepção de que se é melhor que o outro, de que com eles ocorrem desgraças e comigo glórias: gozo por minha superioridade. A partir deste pressuposto, percebemos como provocar desgraças – e portanto dores – nos outros se tornará uma fonte de prazer. Também decorre daí que transgredir seja um ato prazeroso: ao cometer crimes, o libertino ignora as leis que deveriam ser seguidas por todos e se coloca como especial, como distinto frente aos homens comuns. “É da visão de quem sofre e não goza daquilo que tenho que nasce o charme de poder se dizer: portanto, sou mais feliz que ele. Em qualquer lugar onde os homens serão iguais e onde estas diferenças faltarem, a felicidade nunca existirá” (Sade 2006 [1785]: 142).

Nesse sentido, Sade se distancia das idéias do Iluminismo de sua época principalmente por rejeitar a igualdade como princípio ético básico. Se há igualdade em Sade ele não está nos sujeitos semelhantes entre si, mas nas pessoas como objeto potencial de prazer do libertino.

Ora, o prazer do grande libertino está em negar o prazer do outro. O igualitarismo sádico desloca-se então do sujeito para o objeto: todos são iguais diante do desejo do libertino, todos devem estar permanentemente disponíveis como objeto do seu prazer. É a igualdade das vítimas, a igualdade na abjeção, a igualdade dos súditos num Estado tirânico, uniformemente sujeitos à vontade absoluta do déspota (Rouanet 1990: 187-8).

Trata-se da inversão completa da “regra de Ouro” de Voltaire, que consiste em “tratar os outros como queremos ser tratados”: esta seria, para o iluminista, a única lei da natureza, e portanto a única lei que o homem deve universalmente seguir (idem: 174). Sade também calcará sua ética na natureza, mas, em sua obra, a natureza é cruel e egoísta, é um processo constante de destruição e assenhoreamento de uma força por outra. Seguimos aqui a interpretação de Monzani (1995: 86-7) quando afirma:

Assim, de Hobbes a Holbach e Sade, assistimos à cristalização da idéia [presente também em Espinoza e Nietzsche] de que na sua condição natural, os homens são o lugar da manifestação de uma pluralidade indefinida de desejos (e prazeres) sem que haja nenhuma hierarquia, subordinação ou mesmo valorização. Cada organização individual determina o desejo e seu grau. Desse modo, a noção de corpo, como lugar de organização ganha relevo, e será a partir dele, assim entendido, que o sujeito se definirá: como corpo singular desejante. [...] O que há, basicamente, é um embate de corpos, um cruzamento indefinido de desejos.

“A vida é a existência empírica, carnal e corpórea do libertino” (Moraes 1994: 40). É essa a natureza que importa para Sade, uma natureza do desejo individual, repleta de possibilidades destrutivas (idem: 105). Se o desejo demanda que se cause dor em outros, que esses sejam dominados ou destruídos, respeitar o interesse do próximo seria anti-natural. Assim, a maior dor dos outros sempre conta menos que meu prazer, como diz Dolmancé em *Filosofia na Alcova* (Sade s.d. [1795]: 102). Inversamente, aqueles inclinados naturalmente a fazer o bem, os virtuosos, como a Justine de *Os Infortúnios da Virtude*, enfrentariam um paradoxo ao seguir sua natureza, uma vez que colocam a vontade dos outros como prioridade frente às suas – pois a vontade do outro pode ser impedir que se faça o bem. Justine caminha pelo mundo buscando fazer o bem, mas percebe que todos são viciosos: padres, nobres e plebeus, todos lhe humilham, torturam e abusam, todos lhe impedem de realizar sua bondade. Assim, a virtude em Sade é algo impossível e até mesmo anti-natural em si mesma, e neste sentido apenas o criminoso agiria realmente conforme a natureza, ao subjugar outros humanos. São os celerados que impõem movimento ao mundo, e a distinção entre libertinos e vítimas é a divisão básica do mundo (Klossowski 1985 [1975]: 90 ss.). Os homens não podem ser iguais entre si: os libertinos criminosos são superiores, por natureza e por comparação.

Se minha apresentação das idéias de Sade parece carecer de coerência completa, faço isso propositalmente, como fez Moraes (1994: 11). Pois o que parece caracterizar a obra de Sade é um abraço aos paradoxos de uma existência concebida como jogo caótico de forças, desejos e paixões. Segundo Barthes (1977 [1971]: 151-2), é como se Sade e seus personagens abandonassem a lógica do paradigma, enquanto eixo seletivo de termos que não podem se realizar simultaneamente. O libertino sadeano ignorará a moralidade e a organização impostas pelos paradigmas ao buscar operar diferentes transgressões simultaneamente: ele quer cometer um estupro-incêsto-pedofilia-assassinato-bigamia-adultério no mesmo movimento –

e para isto estupra e mata sua jovem filha, casada simultaneamente consigo e com outro homem. Ele não aceita ter um tempo para cada coisa: a confusão e o caos devem prevalecer.

É neste sentido que Monzani irá afastar o pensamento de Sade do de Hobbes: este último prega a possibilidade e necessidade de um pacto social para frear o turbilhão de forças e desejos que tornam a vida humana caótica e imprevisível no Estado de Natureza, uma guerra constante de todos contra todos. “Limitado enquanto potência natural, o sujeito floresce plenamente, enquanto ser social” (Monzani 1995: 92). Sade, ao contrário, rejeita o pacto, pois busca uma liberdade profunda e última, na qual o homem poderia realizar todas as suas pulsões, mesmo que para isso tenha que passar por cima de todos os outros. Sade quer a realização total das potências, e esta só pode se dar se o indivíduo for déspota, e portanto isolado de todos os outros, estrangeiro a tudo que não a si mesmo. Sua liberdade só pode se dar na expressão de seus desejos titânicos (Lefort 1990: 259). Há uma filosofia política em Sade, expressa principalmente no trecho “Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos” de *Filosofia na Alcova* (Sade s.d. [1795]: 113 ss.). Mas trata-se de uma filosofia fundada no oxímoro de uma liberdade última, egoísta, despótica e inatingível. O esforço extra que pede Sade é que se abandone a igualdade e as leis, em prol do desejo corpóreo em sua forma pura. O paradoxo final é este: que a única forma de cada um ser livre é escravizar todos os outros. A maldade monstruosa não é apenas natural, necessária, mas o único caminho a se seguir, uma vez que a bondade é infactível. A filosofia de Sade termina em um abismo: rejeita todas as ideologias sem propor outra coerente.

Não há pacto e lei na utopia monstruosa de Sade, mas isto não quer dizer que não haja rituais ou protocolos (Barthes 1977 [1971]: 167). Em *120 Dias de Sodoma*, por exemplo, vemos uma organização metódica, cheia de regras impostas tanto ao libertino quanto às suas vítimas. As vítimas só poderão ser desvirginadas a partir do segundo mês, elas não podem criar amizades entre si, e todos devem seguir uma dieta estrita e um horário rígido, organizado em função de um cronograma de paixões delineado previamente pelos senhores do castelo. Mas este protocolo aqui só existe para que se possa transgredir com mais vigor as leis. Como as paixões são todas criminosas, devem ser encadeadas de modo a permitirem que cada uma seja sentida como uma transgressão em si mesma, e portanto desfrutada a partir do princípio do prazer pela comparação. Que gozo haveria em um espancamento, depois que já tivessem sido cometidos assassinatos? As regras do ritual sadeano, se impedem a realização imediata dos desejos, o fazem em busca de um mais-gozo projetado para o futuro. Em *120 Dias...* é preciso passar por 599 paixões transgressoras para chegarmos a uma última, suprema, anti-paradigmática, união de todas as outras, chamada de *Inferno* (Sade 2006 [1785]: 353-6). Este caminho que culmina no último e pior crime concebível deve ser percorrido com apatia, para

que se alcance um refinamento final da sensibilidade (Moraes 1994: 200), uma espécie de *improvement* perverso, baseado na repetição metódica e progressiva de crueldades. Pois ganas frenéticas de realizar seu desejo fazem com que ele seja realizado de forma fraca: assim o preceptor de Juliette, em *As Prosperidades do Vício* a repreende por ter simplesmente assassinado uma criança: a libertina deveria ter esperado o restante da família chegar em casa e ateado fogo ao lar, promovendo uma transgressão e uma crueldade maiores, e assim alcançando um gozo mais refinado.

Mais um paradoxo se apresenta aqui, desta vez entre a realização livre das paixões e o cálculo apático que permite a realização plena do desejo. A esse soma-se a impossibilidade de esgotar todas as formas de prazer, confrontada com o desejo de fazê-lo. É neste sentido que Heumakers (1995 [1991]: 155) apresenta uma imagem de Sade próxima a de um *homo aeconomicus* de Adam Smith pervertido: preso entre desejos (por crimes) infinitos em um mundo onde sua capacidade de realizá-los é finita. Mas Sade ultrapassa esta condição Adâmica ao abraçar os paradoxos e incoerências de seu pensamento. A realidade e a verossimilhança não são seus objetivos, mas o caos, o abismo e a destruição como formas últimas e totais de entropia. A imaginação criminosa está livre para agir, distante das limitações do real: Curval pode deliciar-se com a idéia de destruir o sol e assim atear fogo ao mundo (Sade 2006 [1785]: 143). Os maiores crimes em Sade, e as maiores paixões, não são performadas, mas narradas: *Inferno* inclusive. As terríveis maldades atualizadas pelos seus personagens são sempre menores do que aquelas narradas. Note que as 600 paixões de *120 Dias...* não ocorrem dentro do Château de Silling, onde se passa o romance, mas são narradas por quatro prostitutas, convidadas de honra dos libertinos ao castelo. O segundo nível da narrativa, isto é, a narração dentro da narrativa do romance, é sempre mais cruel que o primeiro. A palavra e a imaginação podem, mesmo no universo carnal do Marquês de Sade, ser mais potentes que o ato⁴.

É a partir da narração e da imaginação que o sadismo de Sade encontrará o sadismo contemporâneo. Pois os adeptos do BDSM lêem Sade, discutem e comentam sua obra. Prova disso é a frequência com que utilizam nomes de personagens dos romances sadeanos como pseudônimos na internet ou alhures. No clube Dominna, em São Paulo, há uma biblioteca com as obras completas de Sade, cuja dona orgulha-se de ter lido inteira. O principal uso desta literatura libertina parece ser aquele com fins de inspiração e excitação: as torturas, as paixões e os crimes narrados pelo marquês podem despertar a imaginação, dar idéias para novas práticas, novas posições, novos movimentos, ou simplesmente provocar deleite estético

⁴ Nesse sentido, a busca do prazer sadeana poderia ser aproximada do hedonismo auto-ilusivo apresentado por Colin Campbell (2001 [1987]).

e erótico. O Sade filósofo parece ficar um pouco de lado, especialmente pela supracitada rejeição da igualdade em prol de uma superioridade do libertino. Jellinghaus define muito bem esta forma de leitura, em texto do *site Desejo Secreto* (que nos servirá de fonte primária de citações nativas neste trabalho):

Algumas pessoas afirmam "O [BD]SM faz referências originalmente às práticas descritas nas obras do Marquês de Sade (para quem o consento era irrelevante), então as pessoas do SM moderno mentem quando dizem que o consento é importante no SM 'real!'. Essas pessoas simplesmente estão jogando com "mudar a definição do 'real' para aquilo por que me excito" [<http://www.desejosecreto.com.br/altsex/altsex18.htm>]

Em entrevista para o mesmo *site*, a *switcher*⁵ Justine (que usa este pseudônimo em homenagem à protagonista de *Os Infortúnios da Virtude*) deixa clara a separação entre Sade e o BDSM que pratica: “Mas não acho que Sade praticava BDSM, nunca... Não esse no qual acreditamos. Ele era, como nós, um libertino; pra mim existe somente essa afinidade” [<http://www.desejosecreto.com.br/entrevista/entrev02.htm>].

A diferença principal emerge do fato de que o BDSM contemporâneo é baseado acima de tudo em uma ética da consensualidade, clamada e repetida com tenaz constância nesta rede. Há uma necessidade de explicitar que todas as partes envolvidas nas práticas eróticas BDSM agem por livre e espontânea vontade, ninguém está fazendo nada que realmente não queira. Isto se dá pelo fato de que as práticas que estão aqui em jogo, fora de um contexto de BDSM consensual seriam consideradas crimes: são constrições, torturas, espancamentos, humilhações etc. Se toda forma de sexo não-solitário exige consento, para que não seja considerada estupro, assédio sexual ou invasão de privacidade, no caso do BDSM esta exigência é ainda mais grave, pela violência envolvida. Submissos e sobretudo dominadores devem sublinhar a todo tempo que, ao contrário do que queriam os libertinos sadeanos, eles não cometem crimes.

Há três palavras que ajudam a resumir esta ética da consensualidade dentro do “SM moderno”, resumidas em uma sigla que se tornou quase lema nesta rede; três letras que entram em quase todas as definições de “o que é BDSM” que já vi: SSC – *São, Seguro e Consensual*. Através desta expressão se afirma que as práticas do BDSM contemporâneo são feitas com sanidade, ou seja, com consciência e equilíbrio mental, o que permite a avaliação e a escolha responsável⁶. O SSC afirma também que há precauções de ordem prática que tornam suas atividades eróticas seguras, prevenindo riscos desnecessários, como doenças

⁵ *Switchers* são adeptos do BDSM que ora são dominadores/sádicos, ora são submissos/masochistas. Justine, por exemplo, é principalmente uma submissa, mas há momentos em sua vida nos quais desponta um lado dominador. “Quando tomei conhecimento dessa ambigüidade e a canalizei para as minhas fantasias e para o sexual, tornei-me uma pessoa serenamente feliz.” [idem].

⁶ O que é também uma maneira de se afastar a idéia de que o sadomasoquismo é uma patologia, uma perversão, e de que aqueles que os praticam são doentes.

sexualmente transmissíveis, ferimentos profundos, perigo psicológico e até morte⁷. Mas afirma-se principalmente que o BDSM é uma escolha para todas as partes envolvidas. Aqueles que estão sendo dominados consentem em se colocar em uma posição de inferioridade.

Os personagens de Sade têm vítimas, os dominadores sádicos no BDSM têm parceiros: escravos, submissos, porém masoquistas, o que faz toda a diferença. Quando Deleuze afirma que “Nunca um verdadeiro sádico suportará uma vítima realmente masoquista. [...] Mas também um masoquista nunca suportará um carrasco verdadeiramente sádico” (1973 [1967]: 42) acredito que ele se refere ao sádico das obras de Sade, e ao masoquista das de Sacher-Masoch, ou se equivoca. Voltaremos a esta refutação do argumento deleuziano mais à frente. Neste ponto o que devemos sublinhar é que no BDSM atual o único parceiro possível de um sádico é um masoquista, pois ninguém mais suportaria ser submetido ao sofrimento consensualmente. Assim, o dominador Voltan afirma:

Poucos são os dominadores que não sonharam possuir um personagem Sadeano como Justine. Mas nenhum(a) submisso(a), que eu saiba, desejou ser Justine [...] Porque aí estaríamos falando de ficção, o que, certamente, terminaria em patologias e, portanto, em uma realidade contrária à filosofia do BDSM, que é o erotismo saudável e a realização de fantasias com segurança [www.desejosecreto.com.br/tops/tops02.htm].

Ora, isto quer dizer que o sadismo BDSM, diferente do sadismo sadeano, está baseado na segurança, no respeito, na confiança. Desta maneira, o parceiro do sádico BDSM deve querer passar pelas agruras “impostas” pelo seu mestre, e deve ser, portanto, masoquista. Esta espécie de sadismo é baseada em uma filosofia mais voltairiana ou rousseuniana do que sadeana, pois supõe uma igualdade de direito entre os sujeitos: cada um deve ter liberdade de escolha, seja para escolher suportar o sofrimento ou para escolher provocá-lo⁸. O que não quer dizer, conforme observamos na fala de Voltan, que o sádico não deseje dominar completamente seu escravo, apenas que ele deve abrir mão da realização total de suas paixões em prol da ética da consensualidade e do respeito. Neste sentido, ele é muito pouco sadeano.

Desta forma, acredito que o BDSM possui um paradoxo que lhe é constitutivo: a *dominação consensual*. Pois uma dominação consentida jamais é uma dominação radical, levada às últimas conseqüências. O mestre deve respeitar os limites de seus escravos e para fazê-lo, recorre a mecanismos diversos. Para começar, a *teatralidade*.

Um encontro erótico BDSM em geral é chamado de *cena*, e dentro dele é comum vermos o uso de interpretação de papéis, assim como o uso de indumentárias elaboradas e de

⁷ Baseado na necessidade de segurança, afirma-se por exemplo que as drogas não combinam com o BDSM. Também que é preciso aprender e dominar uma técnica qualquer (o uso do chicote, digamos) antes de usá-la com alguém.

⁸ Vitar@ afirma, em consonância com Voltaire: “Outro ponto, que todos aprendemos desde cedo, é que nosso limite acaba quando começa o limite dos nossos semelhantes. Isso quer dizer que limite e respeito sempre caminham juntos” [http://www.desejosecreto.com.br/bottoms/bottoms03.htm].

uma ambientação cuidadosa da *dungeon*, o cenário onde se passa o ato. Sádico e masoquista assumem por algumas horas o papel de médico e paciente, feitor e escravo, nazista e prisioneiro, ou simplesmente mestre e submisso. Enquanto durar a cena, ambos devem agir, falar e responder como se não tivessem combinado ali estar anteriormente, como se não houvessem regras: como se o *top* (o que está em posição do comando) realmente tivesse controle total sobre o *bottom* (o que está em papel inferior), que em geral não deve deixar parecer que está gostando de sofrer nas mãos de seu algoz. Isto é atingido através do mecanismo que é conhecido no teatro artístico como *suspensão de descrença*, o que significa que as partes tacitamente aceitam que se deve esquecer de que se trata de uma ficção, para se deixar envolver pela *cena*. É claro que não quero dizer que a teatralidade no BDSM transforma tudo numa ilusão, em um faz-de-conta, pois as cenas envolvem dor, humilhação e constrição reais. Neste sentido, a teatralidade aqui é muito parecida com aquela observada por Moraes na obra de Sade:

Sade sempre volta à natureza. Volta e revolta. Propondo uma renaturalização da crueldade, ele consegue pela ousadia de concebê-la, criar uma situação na qual a representação será confrontada com suas próprias ilusões, lançando todo artifício ao seu único limite. Não há representação que dê conta do prazer e da dor; não há artifício que fique aquém da carne. [...] Sade elege para essa confrontação justamente o lugar onde tudo, ou quase tudo é artificial: o teatro (Moraes 1994: 107).

A carne e seus desejos de sofrimento atualizados nestas cenas não permitem que o agenciamento fantasioso se torne puramente imaginário ou ficcional. Mas o corpo masoquista tem seus limites, e como já foi dito, o sádico deve respeitá-los. Isto é feito de inúmeras maneiras, dependendo da forma que a relação tomará. Quando se trata de uma relação de longa duração, é possível fazer um contrato (sem valor legal, obviamente), que marcará a dominação de uma pessoa pela outra, assim como suas obrigações recíprocas⁹. Neste ponto, vemos uma aproximação maior do BDSM com a obra de Sacher-Masoch do que com a de Sade, uma vez que o contrato é utilizado, em *A Vénus das Peles*, quando o protagonista Séverin se submete a Wanda (Sacher-Masoch s.d. [1869]: 113-4), e até mesmo o próprio Masoch chegou a firmar contratos com amantes e esposas (idem: 247-51). Este contrato, caricatura do contrato de escravidão tradicional por partir do escravo e não do senhor, aponta mais para a aliança e consonância de interesses masochiana do que para uma tirania desigual sadeana. Como disse Deleuze (1973 [1967]: 20), o demônio de Sade opera por posse, o de Masoch por pacto. Infelizmente, limitações de espaço impedem uma exposição demorada das ligações entre Sacher-Masoch e o BDSM, e por isso sigo em frente.

Contratos são muito usados em relações chamadas 24/7, ou seja, aquelas que, enquanto duram, colocam os “papéis” como sendo desempenhados 24 horas por dia, 7 dias

⁹ O site <http://carcereiro.cjb.net> possui uma seção de registro de contratos de submissão BDSM brasileiros. No anexo I, reproduzo um deles como exemplo.

por semana. Dentro deste tipo de relação o submisso estará à mercê de seu mestre a qualquer momento, mesmo em situações não-sexuais, e muitas vezes se converte em seu servo, devendo-lhe agrados e cumprindo tarefas domésticas, como limpar a casa, cozinhar etc. Mas isto ainda não significa que o submisso perdeu seu poder de escolha e está completamente dependente do dominador: como em qualquer relação emocional, um 24/7 está sujeito a negociações diversas. Nas relações 24/7 o dominador sempre mantém certa posição de superioridade, mas isso não quer dizer que ele precise humilhar e torturar seu escravo o tempo inteiro nem em todos os aspectos. Conheci em São Paulo um dominador curitibano, um homem determinado e um tanto quanto agressivo, que se orgulhava de não praticar um “sadomasoquismo *light*” com sua parceira, com quem levava uma relação 24/7 já há alguns anos. Entretanto, este dominador resolutivo e seguro de seu controle sobre sua escrava fora proibido por ela de fumar cigarros. “Relação 24/7 é um negócio complicado”, ele me disse. Tal fato aparentemente anedótico ilustra a necessidade de combinações e ajustamentos neste tipo de situação: não se trata simplesmente de dominação total.

As negociações não precisam ser feitas por contrato. O Anexo II apresenta um e-mail enviado a uma informante e amiga minha, Amanda, por um possível futuro mestre seu, que ela havia conhecido na internet há pouco. Ali ela marcava seus limites, seus gostos e preferências, para que a relação não fugisse de seu controle. Decidi mantê-lo na íntegra para que o leitor possa observar algumas das inúmeras possibilidades eróticas em uma relação BDSM¹⁰. Alguns mestres que conheci, entretanto, rejeitam este tipo de combinação, porque crêem que isso coloca o dominado em uma posição de superioridade, como se ele mesmo estivesse de fato ditando as regras da relação, quando quem deveria fazê-lo é o dominador. Mestre experiente, formado em psicologia e especialista – não por acaso – em dominação psicológica, Mr. B afirmou, em palestra no 1º Encontro Nacional BDSM, que o máximo que faz é perguntar aos seus prospectivos escravos o que é que eles não fariam *de maneira alguma* e, além disso, disse que ainda usa esses limites como meio de torturar psicologicamente aqueles que estão sob seu domínio¹¹. Porém, se o sofrimento ultrapassar certo limiar, mesmo mestres mais radicais como Mr. B. irão interromper uma cena para dar assistência a seu parceiro. Tudo segue sendo consensual, ainda que jogue com limites e possibilidades.

¹⁰ Amanda, aliás, em entrevista para mim, em 23/06/2004 rejeitou a possibilidade de uma relação 24/7: “eu gosto de ser dominada sexualmente, mas na vida real mesmo, na vida cotidiana, não é assim. Eu sou independente mesmo, tenho meu espaço, não crio dependências com pessoas e nem me submeto às pessoas. São coisas totalmente separadas”.

¹¹ Um escravo de Mr. B., cuja única restrição expressa ao mestre foi de que não fosse feito o *fist fucking* (introdução do punho e antebraço no ânus), após algumas horas amarrado e humilhado sob a ameaça de ser atacado por dois cães Rottweilers implorou para que fosse feito o *fisting* duplo. Mr. B conta esta história com um sorriso no rosto, e afirma que o escravo adorou a sessão e passou a ser dominado regularmente pelo novo mestre.

É neste jogo de limites que se utiliza a *safe-word*. Trata-se de uma ou mais palavras de segurança que significarão que certo movimento deve ser freado ou parado por completo. Proferir a *safe-word* é como dizer “pare”, “não”, “chega”, “menos”, porém utilizando um termo diferente, já que gritar “pare!” em meio a uma tortura pode ser necessário para que ela seja apreciada, pode fazer parte da interpretação de papéis. Escolhe-se uma palavra aleatória, como “vermelho”, que pode significar “pare o que você está fazendo” ou “pare tudo”, e às vezes outra, como “amarelo” para significar “faça isto mais fraco” ou “assim não está bom”. É claro que a *safe-word* não precisa ser uma palavra, pode ser um gesto, um grunhido, uma piscadela, ou simplesmente a demonstração de que se saiu de personagem, tudo depende da atividade que está sendo praticada e do que é combinado. A *safe-word* possibilita que o limite seja estabelecido no justo momento em que certa sensação passa a ser desagradável, ao invés de definido de antemão. Isto é muito importante, já que o objetivo de um *bottoms* pode ser alargar cada vez mais o limiar do que para ele é suportável.

Notamos aqui uma reaproximação da filosofia sadeana, no sentido de que um praticante do BDSM também pode se valer de uma etiqueta e um protocolo para atingir um gozo mais intenso. Há frequentemente uma progressão crescente nas práticas das quais os sadomasoquistas se valem em seus encontros eróticos. “Eu não vou ficar a vida inteira só no tapinha e no chicotinho”, disse-me o dominador curitibano supracitado, “meu negócio hoje em dia são coisas mais pesadas, como bisturi. Mas isso às vezes é complicado, perde muito sangue, baixa a pressão, dá febre, aí você precisa cuidar da pessoa pra ela não passar mal”. Ir cada vez mais além, buscar ultrapassar seus próprios limites, descobrir práticas e agenciamentos sexuais novos, estes são desafios de muitos sádicos e masoquistas contemporâneos. Entretanto, a apatia não parece ser uma ferramenta muito usada aqui: ao contrário, busca-se aproveitar cada degrau que se sobe, gozar demoradamente em cada nova barreira que se rompe. Mas, se não são apáticos, ainda assim devem ser cuidadosos: o impulso desmesurado é rechaçado aqui como em Sade, porém não para buscar uma repetição apática que permita um crime último, total e refinado. Cuidado e contenção aparecerão aqui de forma não apática, mas responsável, no sentido de reforçar a segurança afirmada pela segunda letra S da sigla SSC. A filosofia do BDSM exige um cuidadoso aprendizado das técnicas a serem utilizadas, pois muitas delas podem provocar ferimentos mais profundos do que o desejado/suportado, mal-estar psicológico e emocional, ou mesmo morte. Usar um chicote, um aparelho de choques, pendurar uma pessoa no teto com cordas, cortar sua carne com um bisturi, ou mesmo humilhá-la e provocar-lhe medo exigem experiência, que deve ser

conquistada através da prática, da observação e do ensino. Não faltam *workshops* em espaços como o Clube Dominna, ou tutoriais em páginas da internet¹².

O refinamento aqui não é do crime, mas da habilidade e da sensibilidade¹³. Se há transgressão aqui, ela é de limites doloríferos físicos e psicológicos pessoais, não de regras sociais estabelecidas. A relação com o *mainstream*, com o que poderia ser chamado (problematicamente) de cultura dominante, por parte dos adeptos do BDSM não parece ser de desafio constante, como é em Sade. O BDSM não é visto como uma transgressão, pois não é condenável, não fere liberdades e direitos de ninguém. Ele simplesmente foge do convencional, é diferente. Isto é ilustrado com clareza pelo termo através do qual se referem ao sexo “ortodoxo”, sem elementos BDSM: *baunilha*. Baunilha é (nos EUA, onde o termo se originou) o sabor de sorvete mais comum, fácil de encontrar e de gosto mais suave, e é assim que o sexo convencional é visto pelos adeptos do BDSM, como comum e ameno, mas não necessariamente ruim: eles apenas preferem algo “mais apimentado”, como gostam de dizer. A expressão *baunilha* parece-me uma escolha feliz, pois não separa os agenciamentos sexuais entre normais e anormais, saudáveis e patológicos, moralmente aceitáveis ou rechaçáveis. A distinção é puramente baseada no sabor de cada prática, e não se pode hierarquizá-las a não ser a partir de preferências pessoais. O sexo baunilha não é universalmente pior ou melhor que o BDSM, ainda que muitos fetichistas e sadomasoquistas o achem sem graça.

Despreocupados com a transgressão de regras sociais, os praticantes do BDSM afirmam buscar somente a realização de seus desejos, independentemente do fato deles serem comuns ou não. Neste sentido, não buscam uma afirmação identitária frente ao mundo baunilha, buscam apenas legitimação e liberdade para praticarem seu erotismo em paz, sem problemas legais. De fato, fui informado de que quando a organização da parada *gay* de São Paulo sugeriu um espaço para os adeptos do BDSM no evento, estes simplesmente rejeitaram o convite. Eles não são proselitistas, não buscam divulgar suas preferências, preferem não aparecer na imprensa, e em geral não gostam que seus rostos sejam fotografados. De fato, no *site* desejo secreto, em página que dá dicas sobre como se lidar com a mídia, afirma-se que “não estamos querendo ensinar o bê-a-bá do SM aqui, estamos tentando ganhar o direito de não termos medo de perder nossos empregos ou a guarda de nossos filhos”

¹² A título de exemplo, ver o longo artigo sobre eletro-estimulação, no qual Mestre Votan explica passo-a-passo algumas bases da eletricidade e algumas maneiras de aplicá-la ao BDSM. No meio deste artigo, afirma: “Precisamos aprender as qualidades da eletricidade para aplicá-la eficientemente e sem perigos” [<http://www.desejosecreto.com.br/tecnicas/tecnica18.htm>]. No Dominna, participei de um *workshop* sobre *shibari*, uma técnica de amarração por cordas baseada na tradição japonesa, na qual dois mestres ensinaram os nós básicos, os pontos do corpo que devem ser amarrados, além das precauções necessárias, chegando mesmo a indicar que tipo de material de corda deve ser usado para evitar queimar na pele.

¹³ Sensibilidade que pode ser entendida como marcada pela perfectibilidade, pela experiência e pelo fisicalismo, conforme a exposição de Duarte (1999).

[<http://www.desejosecreto.com.br/oquee/ncsfmidia.htm>]. Neste sentido, a afirmação de si não é perante os outros, mas perante si mesmo: é uma afirmação de seus próprios desejos que só pode ser conquistada mediante a liberdade. Outra vez tangenciamos a filosofia de Sade, porém dela nos distanciamos ao lembrar que a liberdade aqui afirmada não é egoísta como a da utopia monstruosa sadeana. Há respeito, aqui. Este “torna-te o que és” baseado na realização de desejos eróticos é bem expresso por Samia, a Rainha Frágil: “Eu sou o que sou, e em alguns momentos não poderei abrir mão do desejo de controlar meu parceiro, menos ainda dessa crueldade que é parte de mim” [www.desejosecreto.com.br/entrevista/entrev05.htm].

Neste sentido, vemos o BDSM conjugar dois mecanismos, que Foucault chama de *scientia sexualis* e de *ars erotica*. O primeiro produziria, através da confissão e da reflexividade, uma verdade sobre si mesmo baseada sobretudo no corpo e na preferência sexual; já na *ars erotica*, “a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência” (1988 [1976]: 57). Temos de um lado afirmações de si mesmo enquanto individualidade constituída em grande parte pelos gostos e preferências sexuais (claramente perceptível em afirmações do tipo “eu sou o que sou”); e de outro uma aprendizagem que constrói a sensibilidade, o gosto e as preferências através dos prazeres experienciados e das técnicas dominadas progressivamente. A vida sexual de uma pessoa no BDSM parece ser ao mesmo tempo uma transformação (em sádico, em masoquista etc.) através da aprendizagem dos prazeres e uma descoberta de uma realidade de si primordial (sádica, masoquista etc.). Reaproximação a Sade, em cuja obra há sempre um processo pedagógico lúbrico (dois de seus livros tem como subtítulo *Escola da Libertinagem*), porém só disponível para aqueles que já possuem aptidão para serem libertinos (Moraes 1994: 51). A fuga do sistema sadeano se dá novamente pelo fato de que no BDSM não se observa uma divisão radical e de direito entre aqueles que possuem e aqueles que não possuem aptidão, como a clivagem sadeana entre libertinos e vítimas. Baunilha e BDSM não são mutuamente excludentes, pode-se oscilar entre os dois; há até mesmo o meio termo “baunilha apimentado”. Cada um encontra sua própria dose, baseada em seus próprios desejos e prazeres.

Voltamos aos prazeres, agora compreendidos como possivelmente constitutivos de uma individualidade. Da simplista que Sahlins apresenta e crítica, de que no ocidente o homem foge das dores e busca os prazeres, chegamos a um ponto em que os prazeres podem *construir* o homem, através de um processo ambivalente de descobrir-se/transformar-se. E as dores podem ser formas de prazer: o BDSM parece se distanciar, ainda mais que a obra de

Sade, do dualismo simplista prazer/dor. Aqui a dor não se opõe ao prazer, mas, pelo contrário, o potencializa, em contextos específicos, conforme afirma Mestre Votan:

Na verdade creio que o sado-masoquista é aquele que em determinadas situações tem a capacidade de erotizar a dor, fazendo-a perder muito de seu caráter assustador, ao mesmo tempo em que surge ou potencializa o prazer, e não alguém que tenha um orgasmo cortando a própria pele, ou indo ao médico para fazer uma endoscopia. Portanto a dor não é substituída pelo prazer. Este surge concomitante a ela, quase complementar, sendo a atuação da sensação da dor fundamental na relação BDSM, do contrário a relação perderia o sentido. [...] A dor é uma forma de aumentar este prazer. De amplificá-lo. Então quando associamos o prazer à dor, usamos um instrumento (a dor) para aumentar o prazer. Mas sem o contexto (a situação) o conjunto pode ficar prejudicado. [...] a dor pela dor, não tem sentido. Ela, no universo BDSM precisa estar erotizada e elaborada, para ter nexos e alcançar à que se propõe: aumentar o prazer seja do sujeito ativo, o que proporciona (dominador(a)/sádico(a) seja do sujeito passivo (masoquista/submisso(a) [<http://www.desejosecreto.com.br/teoria/teoria29.htm>].

O que ocorre, portanto, é a conjugação da dor a fim de potencializar o prazer. A oposição simplista entre dor e prazer decorre de um modelo que coloca a carência no princípio da existência humana, como impulso inicial para suas ações. Concordo com Campbell (2001 [1987]: 95) quando este autor afirma que “o fato de o alívio da carência também ser comumente uma experiência agradável é uma razão pela qual uma fuga da dor e uma busca de prazer são frequentemente confundidas”. No BDSM, ao contrário, prazer e dor se unem em uma busca pelo gozo que não parte da carência, mas do desejo, entendido aqui de forma positiva.

É neste sentido que faço objeção ao argumento de Deleuze (1973 [1967]: 49), quando afirma a impossibilidade de uma união entre os desejos sádico e masoquista. Para este autor, o sado-masiquismo é uma abstração que considera a mistura prazer-dor como uma matéria-prima neutra comum ao sádico e ao masoquista, o que só seria possível se ignorarmos o contexto das dores e prazeres próprios de cada um deles¹⁴. Entretanto, o discurso nativo do BDSM afirma que é o contexto erótico que possibilita a união prazer-dor, que não será aqui uma matéria prima neutra, mas um composto de sensações eróticas desejadas. Não há um transformismo de um par prazer-dor pré-existente, (nos casos de *switchers*, por exemplo), mas um uso da dor como instrumento do prazer, possibilitado por um contexto cuidadosamente (e teatralmente) construído em função da realização de um desejo carnal.

Não é qualquer dor que pode ser erótica. Tampouco qualquer submissão é desejada. Nas palavras de Jot@SM, "Não se é submissa simplesmente, se é submissa de alguém" [<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=3757413450947230198>]. A assimetria entre dominador e dominado só é vista como positiva quando se constrói dentro de uma relação que tem como base um igualitarismo de direitos. O paradoxo da dominação consensual – que

¹⁴ A crítica de Deleuze se direcionaria a visões como a de Krafft-Ebing (1895 [1886]: 198), que afirma que nos casos em que o masiquismo e o sadismo se apresentam em um mesmo indivíduo, uma das duas perversões é predominante, sendo congênita, e a outra, secundária, adquirida. Tratar-se-ia nestes casos de uma inversão de papel na ligação entre prazer e dor já existente na mente do sujeito.

obriga o sádico a limitar seu desejo de dominação em prol de um respeito ao desejo alheio – tem como contraparte, portanto, uma submissão consentida, na qual o desejo de ser dominado se realiza parcialmente, (já que a dominação jamais é completa). O interessante é que, neste caso, é o senhor, o mestre – isto é, o sádico – que se aproximará mais do *sujeito* hobbesiano, pois em última instância é a permissão do masoquista, do escravo, que lhe possibilita atualizar seus desejos. O dominador se submete ao desejo de submissão do submisso. E assim, concluímos que o desejo do sádico pode ser sadeano, mas seu pacto e sua relação são masochianos/hobbesianos. No BDSM, a igualdade de direitos (não a igualdade de fato) expressa pela consensualidade como regra básica, permanece como critério de julgamento do que é permitido ou não permitido, do que é bom e o que é mal. Neste sentido, a filosofia sadeana e sua utopia monstruosa permanecem do lado do mal. Mas a dor e o sofrimento enquanto sensação físico-psicológica a ser sentida ou causada, não é rejeitada, não é ruim: ela pode ser conjugada com o prazer: ela é boa.

Bibliografia

- BARTHES, Roland. 1977 [1971]. *Sade Loyola Fourier*. London, Jonathan Cape.
- CAMPBELL, Colin. 2001 [1987]. *A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno*. Rio de Janeiro, Rocco.
- DELEUZE, Gilles. 1973 [1967]. *Sade/Masoch: O Frio e o Cruel (Apresentação de Sacher-Masoch)*. Lisboa, Assírio e Alvim.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. 1999. “O Império dos Sentidos: Sensibilidade, Sensualidade e Sexualidade na Cultura Ocidental Moderna”, in: M. L. Heilborn (org.). *Sexualidade – o Olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Zahar. pp. 21-30.
- FOUCAULT, Michel. 1988 [1976]. *História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Graal.
- HEUMAKERS, Arnold. 1995 [1991] “Sade, um Libertino Pessimista”, in: J. Bremmer (org.). *De Safo a Sade: Momentos na História da Sexualidade*. Campinas, Papirus. pp. 139-156.
- KLOSSOWSKI, Pierre. 1985 [1974]. *Sade, Meu Próximo*. São Paulo, Brasiliense.
- KRAFFT-EBING, Richard Freiherr von. 1895 [1886]. *Psychopathia Sexualis – avec Recherches Spéciales sur l’Inversion Sexuelle*. Paris, Georges Carré.
- LEFORT, Claude. 1990. “Sade: O Desejo de Saber e o Desejo de Corromper”, in: A. Novaes (org.). *O Desejo*. São Paulo, Companhia das Letras. pp. 247-260.
- MONZANI, Luiz Roberto. 1995. *Desejo e Prazer na Idade Moderna*. Campinas, Editora da UNICAMP.
- MORAES, Eliane Robert. 1994. *Sade – A Felicidade Libertina*. São Paulo, Imago.

ROUANET, Sérgio Paulo. 1990. "O Desejo Libertino entre o Iluminismo e o Contra-Iluminismo", in: A. Novaes (org.). *O Desejo*. São Paulo, Companhia das Letras. pp. 167-196.

SACHER-MASOCH, Léopold von. s.d. [1869]. *A Vénus das Peles*. Lisboa, Edição Livros do Brasil.

SADE, Marquis de. 1986 [1788]. *Les Infortunes de la Vertu*, in : *Œuvres Complètes du Marquis de Sade, tome 2^{ème}*. Paris, Pauvert. pp 239-385.

_____. 1988 [1797]. *Histoire de Juliette, ou les Prospérités du vice*, in: *Œuvres Complètes du Marquis de Sade, tomes 8^{ème} et 9^{ème}*. Paris, Pauvert.

_____. 2006 [1785]. *Os 120 Dias de Sodoma, ou a Escola de Libertinagem*. São Paulo, Iluminuras.

_____. s.d. [1795]. *Filosofia na Alcova, ou Escola de Libertinagem*. Brasília, Coordenada.

SAHLINS, Marshall. 2003 [1995]. "A Tristeza da Doçura, ou a Antropologia Nativa da Cosmologia Ocidental". *Teoria & Sociedade* 11.2: 112-173.

Anexo I: Contrato entre Camila e Sr. Jot@SM

- **Qualificação**

Eu, Camila Mancini, endereço de e-mail [retirado por motivos de privacidade] da cidade do Rio de Janeiro, neste ato solene e de vontade própria, me declaro ***escrava e submissa para todos os fins*** ao Senhor meu dono, o Sr. Jot@SM, a partir deste dia 7 de Agosto do ano 1998 da Graça de Nosso Senhor. [acompanha foto]

- **Local da Transferência de Propriedade**

Cidade do Rio de Janeiro

- **Declaração de Submissão**

A partir deste momento, declaro dar a minha mais completa e total submissão às suas ordens. Mais ainda, entendo perfeitamente que as normas abaixo são estritas e devem ser cumpridas à risca, sob pena de castigos à escolha dele:

- Nunca olhar nos Seus olhos
- Ajoelhar ao Cumprimentá-lo
- Aceitar o sofrimento imposto por Ele como uma dádiva
- Se comandada para tal, aceitar ordens de outras pessoas, como se Dele fossem

- **Cláusulas Especiais**

As seguintes cláusulas adicionais foram especialmente determinadas pelo dono indicado neste contrato e são parte integrante e indivisível deste:

- *A escrava compromete-se a honrar seu Mestre com total dedicação, entregando-se confiante ao discernimento de seu Dono quanto aos seus limites.*

- **Dos Prazos**

O presente contrato é feito por prazo indeterminado, podendo ser revogado unilateralmente e sem explicações pelo dono da escrava.

- **Das Disposições Futuras**

A escrava acima qualificada aceita desde já, ser vendida, doada ou emprestada a outro dono, a critério do primeiro, sendo que então passará a obedecer às ordens do segundo, como se este proprietário fosse.

- **Das punições mínimas**

Em caso de rebelião da escrava, fica desde já estabelecido que a pena mínima a ser aplicada em ré primária será de 20 chibatadas e de 50 chibatadas em ré recalcitrante.

- **Disposições Finais**

Por estarem assim, justos e contratados, assinam este em duas vias de igual teor e conteúdo, que passa então a ter validade imediata em todo o território nacional.

- **Fôro legal**

Em caso de disputas sobre a propriedade da escrava, fica desde já eleito o Fôro da Cidade do Rio de Janeiro, para quaisquer ações judiciais.

Assina a escrava

[<http://carcar44.freemovehost.com/contratos/con9904b.htm>]

Anexo II: Ficha enviada a Amanda por um mestre anônimo¹⁵

Nome:

Preencha de acordo com as suas preferências.

A pontuação, ou melhor, numeração é a seguinte:

5 = Eu amo isso. Me deixa nas nuvens.

4 = Me dá prazer.

3 = nunca me imaginei fazendo isso, mas acho que vou gostar.

2 = Farei só para agradar o Senhor.

1 = Só farei se for obrigada.

0 = Não farei. Passa dos meus limites.

Dominação:

a) Ser dominada com seus olhos vendados. (_0_)

b) Seu Mestre te amarrar com cordas (cordas transpassadas em todo o corpo, te deixando imobilizada). (_0_)

c) Seu Mestre prendendo você com correias de couro. (_0_)

d) Seu Mestre batendo em você com chicotes: nas pernas (_0_); na bunda (_0_); na barriga (_0_); nas costas (_0_); nos seios (_0_); na buceta [sic] (_0_).

e) Seu Mestre dando tapas em você: nas pernas (_0_); na bunda (_0_); na barriga (_0_); nas costas (_0_); nos seios (_0_); na buceta (_0_); no rosto (_0_).

f) Seu Mestre prendendo você no teto com uma corrente. (_0_)

g) Dominando você com um capuz encobrindo seu rosto. (_0_)

h) Dominando você com sua boca amordaçada (_0_)

i) Seu Mestre embrulhando você com Filme PVC como se fosse um pacote. (_0_)

Usando sua buceta:

a) Seu Mestre passando cordas entre os lábios da sua buceta. (_0_)

A1) Seu Mestre usando agulhas nos lábios de sua buceta. (0)

b) Seu Mestre colocando prendedores e pregadores nos lábios da buceta. (_0_)

c) Seu Mestre pondo pregadores com pesos e correntes nos lábios da sua buceta. (_0_)

d) Penetrando a buceta com vibradores grossos - 4,5 x 20 cms. (_0_)

e) Seu Mestre pingando cera quente (vela) nos lábios da sua buceta. (_0_).

f) Seu Mestre pingando cera quente na entrada da sua vagina. (_0_)

g) Seu Mestre raspando e deixando toda lisa e sem pêlos toda sua genitália e ventre. (_0_)

h) Penetrando a vagina com velas acesas (_0_). Obs.: Dependendo de como esteja, a cera vai derretendo e pingando na sua pele.

i) Seu Mestre penetrando sua vagina com cubos de gelo. (_0_)

j) Seu Mestre masturbando sua buceta com os dedos. (_0_)

k) Seu Mestre mandando você fazer isso em outra mulher? (0).

l) Seu Mestre masturbando sua buceta com a boca. (_0_)

m) Seu Mestre mandando você fazer isso em outra escrava? (0).

Usando seus seios:

a) Seu Mestre amarrando seus peitos com cordas. (_0_)

b) Seu Mestre amarrando seus mamilos com barbantes e colocando pesos presos a eles (_0_).

c) Seu Mestre colocando pregadores e prendedores nos seus peitos. (_0_)

d) Seu Mestre colocando pregadores e prendedores nos seus mamilos. (_0_)

e) Colocando pregadores com pesos nos seus mamilos. (_0_)

¹⁵ Note que os zeros entre parênteses (_0_) deveriam ser alterados por Amanda e preenchidos de acordo com suas preferências, usando a numeração codificada de zero a cinco como referência, para que depois fossem enviadas de volta ao mestre. Não sei se ela chegou a fazê-lo.

- f) Seu Mestre pingando cera quente em todo o seu peito. (_0_)
- g) Pingando cera quente nos teus mamilos. (_0_)
- h) Seu Mestre puxando seus mamilos na direção dele. (_0_)
- i) Seu Mestre dando mordidas com a boca nos seus seios: Fracas (_0_); médias (_0_); fortes (_0_).

Usando seu anus [*sic*]:

- a) Penetrando o seu anus com vibradores pequenos - 3 x 15 cms. (_0_)
- b) Penetrando o seu anus com vibradores grandes -- 4,5 x 20 cms (_0_)
- c) Fazendo você andar de 4 como uma cadela com um consolo no anus (_0_)
- d) Fazendo você ir ao trabalho, de carro ou de ônibus com um plug anal (_0_).
- e) Fazendo você trabalhar um período inteiro com um plug anal. (_0_).
- f) Fazendo você enfiar na frente dele uma abobrinha brasileira e andar com ela de salto alto dentro de casa (_0_).
- g) Penetrando o cuzinho com velas acesas. (_0_) Obs.: Dependendo da posição em que estivesse a cera quente derretida, cairia na pele.
- h) Penetrando o seu cu com bolinhas chinesas. Um jogo de 5 bolinhas ligadas por cordinha. (_0_)
- i) Seu Mestre penetrando seu anus com cubos de gelo. (_0_)
- j) Seu Mestre pingando cera quente, no seu anus. (_0_)
- l) Seu Mestre enfiando dedos e inspecionando os músculos de dentro do seu cu. (_0_)

Humilhação:

- a) Você se despindo na frente de seu Mestre. (_0_)
- b) Servindo seu Mestre, discretamente, em público: Cumprir ordens discretas em locais públicos. (_0_)
- c) Andar de 4 o tempo todo como se fosse uma cadela. (_0_)
- d) Beber água numa vasilha de cachorro. (_0_)
- e) Sendo treinada e tratada como uma cadela, de coleira e guia. (_0_)
- f) Servindo de égua para seu Mestre. (_0_)
- g) Servindo seu Mestre como uma empregadinha vadia. (_0_)
- h) A boca da escrava servir de depósito de porra do seu Mestre. Sempre que for gozar manda que abra a boca e sem por o pau dentro dela, jorra o gozo para dentro. (Chuva de prata) (_0_)
- i) Golden Shower ou banho dourado. O seu Mestre faz xixi em cima da escrava (urophilia). (_0_)
- j) Usar as roupas que seu Mestre mandar. (_0_)
- k) Sendo dominada e judiada na frente de uma mulher: com olhos vendados (_0_); sem vendas (_0_)
- l) Sendo dominada e judiada na frente de outro homem: com olhos vendados (_0_); sem vendas (_0_)
- m) Ser dominada por seu Mestre e outra mulher: com olhos vendados (_0_); sem vendas (_0_)
- n) Ser dominada por seu Mestre e outro homem: com olhos vendados (_0_); sem vendas (_0_).
- p) Ser dominada na frente de um grupo de pessoas por seu Mestre: olhos vendados (_0_); sem vendas (_0_)
- q) Servir em chat virtual outro dominador ou amigo do seu Mestre. (_0_)
- r) Servir por telefone amigos de seu Mestre. (_0_)

Outras:

- b) Não usar mais meia calça e somente cinta liga (_0_)

- c) Não usar mais calças e shorts, apenas saias e vestidos de preferência bem soltos, para que seu Mestre possa acessá-la facilmente (_0_).
- d) Usar apenas calcinhas fio dental escolhidas pelo seu Mestre (_0_).
- f) Acordar seu Mestre chupando-o até ele gozar na sua boca? (_0_).
- g) Ser levada a um atelier de pearcings [*sic*] para colocar um nos mamilos? (_0_)
- h) Ser levada a um atelier de pearcings para colocar um nos lábios de sua buceta? (_0_)
- i) Ser levada a um atelier de pearcings para colocar um no seu clitóris? (_0_)
- j) Cozinhar para seu Mestre? (_0_).
- k) Ter de pedir para seu Mestre para ir ao banheiro fazer as necessidades. (_0_)
- l) Apanhar em publico (_0_)
- m) Ser filmada pelo seu Mestre (_0_)
- n) Ir a um Sex shopping com seu Mestre e escolher um presente (_0_)
- o) Ir aos super mercado com um plug anal (_0_)
- p) Ser levada a uma festa e ser apresentada pelo seu mestre como escrava (_0_)
- q) Ser levada a uma festa usando uma máscara e fazer tudo o que seu Mestre mandar (combinado antes) (_0_)
- s) Ficar amarrada enquanto seu Mestre faz outras coisas (_0_)
- t) beijar os sapatos de seu Mestre: Em público (_0_); Sozinhos (_0_).
- u) Ser fotografada por seu mestre (_0_)
- v) Ser Filmada por seu mestre (_0_)
- x) Ser xingada (_0_) De que: qq coisa _____
- z) ser usada como puta (_0_)

[autor desconhecido. Recebido por e-mail em 2004]